

O SENTIMENTO DE INSEGURANÇA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: AS PERCEPÇÕES E A MUDANÇA NA ROTINA DE VIDA¹

Autora: Joice Cristina de Campos
Universidade Federal Fluminense - UFF

Resumo:

A literatura acerca do sentimento de insegurança tem buscado analisar o impacto deste fenômeno na vida dos cidadãos em grandes cidades do mundo. Partindo desta perspectiva, este estudo procurou analisar como este sentimento se faz presente na cidade do Rio de Janeiro, ou ainda, como o sentimento de insegurança transforma o cotidiano de vida dos cidadãos desta cidade.

Para tanto, procurou-se investigar as características do sentimento de insegurança no que se refere às mudanças do comportamento rotineiro dos moradores dos bairros de Copacabana, Bangu e Méier. Buscou-se também analisar como os moradores vêem as políticas públicas que envolvem a sociedade civil e o Estado no tratamento deste fenômeno e suas alternativas possíveis.

Palavra Chave: Sentimento de Insegurança, comportamento, percepção dos moradores.

A preocupação com a criminalidade e sua ampliação nos grandes centros urbanos vem ocupando hoje, seja nos países desenvolvidos ou em desenvolvimento, um lugar central nos discursos social e político. De modo geral, a preocupação com a criminalidade se desdobra no sentimento de medo e de insegurança frente ao crime, exigindo, assim, que a leitura deste fenômeno seja feita no quadro de uma problemática social e política mais ampla do que a da criminalidade propriamente dita, situando-a no campo da análise do sentimento de insegurança.

Como afirma Castel (2005), diferentemente das sociedades pré-industriais, a sociedade contemporânea, em especial a França, que o autor estuda, tem como premissa as inseguranças civil e social que fazem irromper sistemas de proteção cada vez mais

¹ “Trabalho apresentado no Fórum da 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.” No GT 39 Políticas Públicas e Antropologia nas áreas de Direitos Humanos, Segurança Pública e Comunidade.

sofisticados e individuais. Como consequência esta sociedade caracteriza-se por indivíduos que incansavelmente buscam por segurança.

Para o autor, as sociedades contemporâneas são construídas sob o alicerce da insegurança em que cada indivíduo vive sua individualidade e, sozinhos, não são capazes de assegurar sua própria proteção.

Sendo assim, esta proteção não é somente a concessão de benefícios, mas é percebida como uma condição básica de existência para todos (Castel *op.cit.*). Quando o sentimento de que esta proteção não está sendo garantida, um dos resultados é a preocupação com a criminalidade sendo esta uma variável chave para a compreensão da sociedade moderna.

Em maior ou menor grau, diferentes sociedades do mundo, em especial as ocidentais, vêm enfrentando o problema da criminalidade e do sentimento de insegurança que despontou em meados da década de 1980 (Adorno, 1997).

Entretanto, para o estudo do sentimento de insegurança, torna-se necessário a delimitação do espaço difuso em que este se movimenta, pois quando se fala em sentimento de insegurança, múltiplas interpretações podem ser feitas, uma vez que se trata de um tema complexo e de difícil mensuração, implicando também uma forte subjetividade.

Tomaremos como ponto de partida à definição proposta por (Roché 1994), no qual o autor observa que o sentimento de insegurança é um processo de leitura do mundo, que se apodera dos indivíduos como uma síndrome de emoções que se cristalizam acerca do crime e de seus autores. Porém, não se trata apenas de uma leitura da realidade, mas, sim de um modo particular de interpretá-la, trabalhando a noção de insegurança a partir do sentimento que ela desperta, sejam elas as manifestações verbais, comportamentais, individuais ou coletivas, de medo pessoal ou de preocupação com a ordem.

O sentimento de insegurança, para (Roché *op.cit.*), ancora-se em dois pilares: a preocupação com a ordem e o medo. Na preocupação com a ordem o autor observa, como fator preponderante, a multiplicação das incivilidades (vandalismo, má vizinhança, gritarias, arruaças, lixo nas ruas, objetos quebrados...), pois são comumente entendidas como ofensas, sinais de ameaça, gerando rejeição e sentimento de um aumento da delinquência na sociedade. Em outras palavras, o autor associa a insegurança ao aumento de uma nova violência urbana fruto das multiplicações das desordens nas sociedades contemporâneas.

Contudo, essas desordens constituem precisamente aquilo que alimenta a inquietação e reforça o argumento da insegurança. São esses aspectos que cada um indica como sinais de impotência dos policiais, do laxismo dos magistrados e da esterilidade do trabalho social. (Roché, 1994:25 – tradução livre).

O medo, por outro lado, se alimenta muito pouco dos fatos concretos. Para o autor, o medo pode estar associado também a uma construção social, ou seja, as pessoas temem mais o que elas consideram como maior perigo. Em outras palavras, o que é considerado pela pessoa como perigoso influencia muito mais no sentimento de medo do que os riscos reais ou mais freqüentes que elas possam vir a ser vítimas. O autor indica a dificuldade de medir o medo, o que só pode ser feito segundo ele, a partir do estudo das representações sociais em que os dados qualitativos, bem como as análises das diferenças daquilo que o indivíduo diz ter medo e os dados quantitativos disponíveis acerca da mesma realidade são identificados pelo pesquisador. Somente desta maneira será possível operacionalizar os sinais cotidianos do medo.

Desta forma, tanto o medo quanto a preocupação com a ordem podem acarretar conseqüências no que se refere ao cotidiano e ao bem estar dos indivíduos. Do ponto de vista político, poderá também se associar à relação do Estado responsável pela proteção e da sociedade que demanda por políticas públicas de segurança eficazes.

Identificar as representações sociais que levam os indivíduos a se sentirem inseguros poderá facilitar o desenvolvimento de instrumentos que subsidiem a elaboração de políticas públicas de segurança, uma vez que os discursos presentes nas abordagens do sentimento de insegurança, trazem luz à questão da insegurança objetiva e a insegurança subjetiva das pessoas. A insegurança objetiva e a insegurança subjetiva complementam a análise de Roché no que se refere à preocupação com a ordem e o medo, pois a insegurança objetiva é aquela despertada por motivos pontuais, ou seja, vividos ou observados pelas pessoas e a subjetiva baseia-se nas representações e nos sentimentos das mesmas pessoas.

Cabe ressaltar que existe certo número de fatos que constituem uma base do que se chama insegurança objetiva, estando presentes: os crimes contra as pessoas como homicídio, agressões, maus tratos, estupro; os crimes contra a propriedade como roubo,

furto, arrombamento, receptação, invasão; os crimes ligados às drogas como produção, tráfico, posse e consumo, pois estes crimes, quando observados, vivenciados e ou comentados, despertam medo e insegurança. Estes crimes, segundo Miranda, Caixeta e Mello (2007), podem estimular o sentimento de insegurança, pois se relacionam diretamente ao risco que pode atingir o indivíduo, seja no seu corpo, nos seus bens pessoais ou na sua privacidade. Temer estar em uma rua por saber que muitos crimes estão acontecendo nela é um exemplo de insegurança objetiva.

A insegurança subjetiva é aquela que não é proporcional aos perigos reais que ameaça um determinado indivíduo ou grupo social. Desta forma, segundo Miranda, Caixeta e Mello (op.cit.) um exemplo dos efeitos práticos da insegurança subjetiva é a impressão do aumento da violência e da criminalidade, quando na realidade as estatísticas dos registros de ocorrências das delegacias de Polícia Civil e das pesquisas de vitimização apontam para a redução desta. Em outras palavras, ainda que a incidência dos fatos que constituem uma base racional para o sentimento de insegurança não seja elevada, a insegurança em relação a estes fatos permanece alta. Sendo assim, o sentimento de insegurança subjetivo corresponde à leitura particular que cada um faz da realidade que o cerca.

O sentimento de insegurança, objetivo ou subjetivo - real ou imaginado-, presente nas sociedades modernas, produz angústia, ansiedade, incertezas, medo do presente e do futuro, mudança no estilo de vida dos indivíduos e se constitui como um fenômeno sem previsão de fim. Como aponta Miranda, Caixeta e Mello (2007)

O fato é que embora seja possível perceber a redução dos riscos e das ocorrências de fenômenos que são fonte de insegurança em alguns países e cidades, nenhuma sociedade conseguiu acabar com o sentimento de (in)segurança. Tampouco se conseguiu acabar com a criminalidade, a violência, os desastres naturais e as doenças que continuam a assombrar a busca da imortalidade para as sociedades ocidentais (Miranda, Caixeta e Mello, pág. 09, 2007).

Embora o fim do sentimento de insegurança seja indeterminado, suas causas e conseqüências se materializam numa construção sólida de práticas e representações

sociais que ultrapassam a capacidade do Estado de resolvê-lo, se constituindo como parte intrínseca da vida moderna e como afirma Roché (1998), “*a cidade e a urbanização, são as duas fontes da violência*” (Roché, 1998:91). Melhor dizendo, a cidade e sua urbanização aparecem como um espaço para o qual todas as crises, todas as conflitualidades da sociedade parecem convergir.

Metodologia

Na abordagem do tema utilizaram-se os métodos quantitativos e qualitativos. Para a abordagem quantitativa deste estudo foi analisado o banco de dados da pesquisa “*Analisando o Sentimento de Insegurança nos Bairros do Rio de Janeiro*”, pesquisa realizada pelo Instituto de Segurança Pública (ISP) no ano de 2004. O banco de dados foi concedido em dezembro de 2006 em SPSS.

Com esta pesquisa, do Instituto de Segurança Pública, foi realizada uma análise a partir dos dados coletados, relacionando o sentimento de insegurança ao bem estar dos indivíduos e suas mudanças ou não mudanças no comportamento rotineiro.

Visando classificar os diversos entrevistados e suas condições socioeconômicas empregou-se a técnica de análise de agrupamentos ou chamada também de *clusters*. Segundo Hair (1998), a análise de *cluster* ou análise de conglomerados, é um conjunto de técnicas estatísticas cujo objetivo é agrupar objetos. No nosso caso estamos agrupando entrevistados, segundo escolaridade como Proxy de condições socioeconômicas, para formar grupos ou *clusters* homogêneos. Os entrevistados (objetos) em cada *cluster* tendem a ser semelhantes entre si, e diferentes dos demais que compõem os outros *clusters*. Esses *clusters* devem apresentar tanto uma homogeneidade dentro dele, bem como uma heterogeneidade entre eles.

Como o objetivo da análise de *cluster* é agrupar entrevistados semelhantes, é necessária uma medida da distância entre os mesmos. Os entrevistados com menor distância entre si são mais semelhantes, logo estarão em um mesmo *cluster*. Já os mais distantes compõem *clusters* distintos.

O procedimento de aglomeração utilizado neste trabalho é o não-hierárquico, também chamado de *K-means clustering* (Malhotra, 2001), que determina os centros dos *clusters* e em seguida agrupa todos os entrevistados em um número pré-estabelecido de *clusters*, segundo uma distância desse centro. Foram definidos três *clusters*,

utilizamos o procedimento não-hierárquico (*K-means*) para melhor definir os *clusters*. Neste procedimento são definidos os centros dos *clusters* e em qual cada entrevista pertencerá.

Para complementar a análise realizou-se as entrevistas qualitativas com os seis moradores dos diferentes bairros, sendo dois de Copacabana, dois do Méier e dois de Bangu, representativos das Zonas Sul, Zona Norte e Zona Oeste respectivamente. O critério de seleção dos bairros para as entrevistas atendeu a necessidade de corresponder aos locais de realização da pesquisa do Instituto de Segurança Pública, assim como, manter a diversificação do perfil socioeconômico dos entrevistados, permitindo conhecer de forma mais aprofundada e sistematizada as práticas e representações dos moradores, seus sentimentos, experiências e convivência em torno do tema em pauta.

Estes moradores corresponderam à faixa etária de 47 a 60 anos, entretanto esta faixa etária foi ocasional. Cabe, portanto salientar que a proposta inicial era entrevistar cerca de 5 moradores por bairro, atendendo as diferentes faixas etárias para observar a existência das diferenças do sentimento de insegurança bem como a mudança na rotina de vida quando associados às diferentes faixas etárias. Porém, por tratar-se de uma monografia, entrevistar 15 moradores não foi viável, pois não correspondia ao tempo disponível para a realização deste estudo, também, este trabalho monográfico não teve como objetivo esgotar o tema, ficando assim, para uma outra oportunidade tratar a questão do sentimento insegurança nas diferentes faixas etária e ou gênero.

Com exceção do Bairro de Bangu que foi entrevistado duas mulheres, nos outros dois Copacabana e Méier as entrevistas foram realizadas com uma mulher e um homem. As pessoas entrevistas foram indicadas por conhecidos e amigos que moram ou conheciam algum morador do bairro selecionado.

Cabe ressaltar que, na entrevista optou-se por não explicar, tão pouco perguntar especificamente sobre o sentimento de insegurança e sim, dizer que o estudo era sobre qualidade de vida no Rio de Janeiro, em especial no bairro onde mora. A idéia de entrevistar os seis moradores dos diferentes bairros decorreu da necessidade de “aperfeiçoar” a metodologia convencional de aplicação de *survey* possibilitando ir além dos “padrões de respostas” oferecidos por este.

A impossibilidade de se trabalhar apenas com os dados estatísticos neste estudo deu-se pela própria definição de Roché, (1994) sobre o sentimento de insegurança, pois o autor aponta o tema como um processo de leitura do mundo, apoderando-se dos indivíduos em uma síndrome de emoções que se cristalizam acerca do crime e de seus

autores, ou seja, o sentimento de insegurança como um modo particular de interpretação da realidade vivida. Desta forma, trabalhar um tema de caráter tão subjetivo apenas com a abordagem meramente quantitativa não seria viável.

A MUDANÇA DO COMPORTAMENTO ROTINEIRO

Entende-se por mudança do comportamento rotineiro o fato de deixar de fazer ou praticar algo que anteriormente costumava a fazer. Esta mudança no comportamento rotineiro pode acarretar várias conseqüências, tais como o “esfriamento” nas relações entre vizinhos, uma restrição da circulação nos locais urbanos e também o investimento de tempo e dinheiro em busca da auto proteção em detrimento do lazer, da cultura e da educação (Rodrigues, 2003). Tal mudança poderá ser observada a partir da percepção de insegurança dos moradores da cidade, seus sentimentos, suas representações e suas experiências, sejam elas individuais, coletivas ou vivenciadas por pessoas próximas do círculo de convivência.

A literatura acerca do tema tem demonstrado um forte impacto do sentimento de insegurança na vida dos cidadãos das grandes cidades do mundo. Mas como isso ocorre na cidade do Rio de Janeiro? Como o sentimento de insegurança se forma e transforma o cotidiano de vida dos cidadãos desta cidade? Em que medida o caráter negativo desse sentimento pode se associar a uma vitimização real ou imaginária?

A hipótese do presente estudo é de que, se o sentimento de insegurança causa uma mudança na rotina de vida dos cidadãos esta mudança diferenciará de acordo com a posição social de cada indivíduo. Avalia-se que tanto o sentimento de insegurança quanto a possível mudança na rotina de vida podem ser despertados por diferentes motivos ora se relacionando aos bens ora à vida.

O Quadro 01 demonstra que 66,7% dos entrevistados pertencentes a uma condição socioeconômica alta mudaram algumas de suas atividades do dia-a-dia devido à insegurança, observa-se também que foi este o maior valor obtido no quadro 01. Das pessoas pertencentes a uma condição socioeconômica média 51,3% afirmaram ter modificado alguma atividade do dia-a-dia devido ao sentimento de insegurança. Por fim, das pessoas pertencentes a uma condição socioeconômica baixa 52,4% também afirmaram tal mudança.

Neste quadro torna possível afirmar que na cidade do Rio de Janeiro o sentimento de insegurança acarretou a mudança do cotidiano de vida dos moradores da cidade, independente da situação socioeconômica a que pertencem, nota-se, que a mudança nas atividades do cotidiano de vida foi alterada devido ao sentimento de insegurança.

Quadro 01

A mudança do comportamento rotineiro e as condições socioeconômicas

	Condições Socioeconômicas		
	Alta	Média	Baixa
Modificou algumas atividades no seu dia-a-dia por insegurança *	66,7%	51,3%	52,4%
Limitou os lugares onde costuma fazer compras *	40,4%	30,6%	29,0%
Limitou as atividades de lazer que antes desfrutava *	60,0%	48,2%	44,2%
Evitou sair mais à noite	78,0%	76,0%	78,4%
Evitou chegar muito tarde em casa	81,0%	78,8%	81,3%
Evitou sair sozinho **	51,3%	57,5%	57,6%
Limitou as idas ao banco *	44,5%	36,3%	37,5%
Evitou sair com pertences de valor *	87,5%	74,3%	68,3%
Limitou o uso de transportes coletivos *	46,9%	30,3%	23,1%
Sentiu desejo de possuir arma de fogo para auto-proteção *	16,8%	12,8%	7,5%
Sentiu desejo de mudar para outro local	28,9%	31,9%	29,7%

* Teste de Qui-quadrado significativo a 1%

** Teste de Qui-quadrado significativo a 5%

Fonte: Banco de Dados em SPSS da pesquisa de 2004 do Instituto de Segurança Pública.

Quando especificado qual o tipo de atividade que sofreu mudança, verificou-se que independente da questão socioeconômica todos, de forma geral, limitaram o lugar que antes costumavam fazer compras. Das pessoas pertencentes à condição socioeconômica alta 40,4% também limitou os lugares. Da condição socioeconômica média 30,6% limitou os lugares onde costumava fazer compras. Assim como, 29% das pessoas pertencentes a uma condição socioeconômica baixa também limitou os lugares de fazer compras.

Relacionando condições socioeconômicas e a limitação de lazer que antes desfrutavam o quadro 01 apresentou que, 60% das pessoas pertencentes a uma situação socioeconômica alta limitaram suas atividades de lazer. Na condição socioeconômica média, 48,2% também afirmaram ter limitado a atividade de lazer. Assim como, 44,2% das pessoas pertencentes a uma condição socioeconômica baixa também afirmaram tal mudança.

Nas narrativas dos moradores verificou-se que estes discorreram sobre como é morar no bairro, o que o bairro tem a oferecer, ou seja, os pontos positivos e negativos do bairro, a qualidade de vida oferecida para os moradores. Dentre as diversas narrativas, algumas apresentaram certa melancolia quando as lembranças do passado e o fato de terem deixado de praticar atividades de lazer que antes desfrutavam. Segue abaixo alguns trechos destas narrativas.

Sabe este morro aqui na frente, a Pedra Branca? Então, era lindo, da vista pra Gávea. Nós fazíamos caminhadas, quer dizer, eu não fazia porque eu era pequena e muito magrinha aí ninguém deixava eu ir, mas reunia uma turma grande pra escalar a Pedra (...) Agora não dá mais pra fazer isso, virou tudo favela. (Mulher, professora, 51 anos, moradora há 48 anos de Bangu)

Eu costuma a sair mais, mas agora fico mais em casa pra evitar ficar exposto. Agente tem que mudar o estilo de vida, não dá nem pra deixar o filho sair pra se divertir, porque agente não sabe se ele vai voltar com vida. (Homem, advogado, 58 anos, morador há 34 anos de Copacabana)

A gente fica o tempo todo tendo que mudar algumas coisas, mas eu tento pegar leve, se não a gente pira. Meus filhos estudam a duas quadras daqui, mas agente prefere levar eles para escola, deixar lá na porta. O bairro tá muito violento e tudo que a gente pode fazer pra não ficar com tanto medo a gente faz. (Homem, funcionário público, 51anos, morador há 51anos do Méier)

Nos últimos anos, as mudanças ocorridas no Brasil, em especial, o contraste estabelecido entre as décadas de 1980, 1990 e 2000 são observados pelos moradores dos bairros, mas de forma comparativa, ou seja, a época que ele viveu em contrapartida a que o filho vive. A infância dos filhos foi apontada como diferente da infância vivida pelos pais. Em síntese, as mudanças pelas quais os bairros passaram foram caracterizadas como fruto do aumento da violência no bairro.

Práticas corriqueiras na infância dos moradores tais como: conversas de rua, crianças brincando, união de moradores para praticar alguma atividade, trancar portas e janelas foram discursos que apontaram como único responsável à violência e a criminalidade. Somente em uma narrativa, da moradora do Méier, não foi deixado de

lado outras possíveis questões como que se direcionam a privatização de variadas dimensões da própria vida, pó exemplo; “*era só ir entrando, ninguém achava feio, era normal o entrar e sair, às portas estavam abertas*”. (Entrevistada faz referência aos vizinhos do passado)

A moradora do Méier apontou em outros trechos de sua narrativa que, não ter mais como antigamente, crianças brincando nas ruas ou vizinhos conversando entre si, envolvem inúmeras questões que vão além da violência no bairro. Passando, por exemplo, pelo aumento do número de veículos circulando pelas ruas, pelo fato da renda familiar hoje ser dividida entre os dois parceiros, ou seja, a inserção da mulher de forma mais efetiva no mercado de trabalho, dificulta a antiga sociabilidade entre os vizinhos, sendo mais comum hoje um bom dia e boa tarde etc.

Esta moradora apontou diversas transformações pelas quais o bairro passou, sempre apresentando uma preocupação em afirmar que não foi apenas seu bairro, Méier, ou o Rio de Janeiro, mas foram transformações em todo o Brasil, em todo mundo. Sua profissão, seus afazeres de mãe, mulher, filha (...) não permite que ela consiga disponibilizar tempo para se relacionar com seus vizinhos. Falando também sobre a tecnologia das casas terem se fechado. . .

As casas se fecharam mais, hoje em dia você parece que é prisioneiro, você tem que viver cercado de grade, entendeu? E não tinha necessidade disso. Então a mudança houve sim, acho que mesmo em função de uma violência, né? E também a tecnologia como estou te falando também ajudou bastante, então a mudança mais que eu acho é em função disso Antigamente você entrava nas casas dos vizinhos, almoçava (...) sem ser convidado, era só ir entrando, ninguém achava feio, era normal, as portas estavam abertas pra gente entrar e sair, hoje não. (Mulher, bancária, 47 anos, moradora há 47 anos do Méier)

O autor Sennett (2003) discorreu em sua obra episódios similares ao narrado pela moradora do Méier apontou. O autor discorre sobre as superficialidades da sociedade moderna que segundo ele é tão degradante quanto às superfícies das máscaras de arte. Segundo Sennett (2003: 119), um dos motivos para esta superficialidade degradante é a desorganização do tempo em que não é possível vislumbrar uma trajetória numa economia política continuamente replanejada. O autor afirma, ainda,

para a falta que os indivíduos sentem de relações humanas constantes e objetivos de vida duráveis.

Voltando a análise do quadro 01, 70% dos entrevistados afirmaram que evitam sair à noite ou evitam voltar tarde para devido ao sentimento de insegurança. Tal situação também foi observada nas entrevistas:

Antigamente você marcava pra sair pra jantar 9:00h ou 10:00h da noite e você voltava 12:00h/01:00h. Hoje em dia você marca pra jantar 07:30h ou 08:00h porque você já fica numa expectativa de retornar pra casa no máximo 10:30 ou 11:00h. Houve um pouco a mudança do comportamento principalmente das saídas noturnas. Muitas pessoas preferem marcar pra sair pra almoçar a sair pra jantar ou então chamar os amigos em casa. Mesmo as reuniões em casa são reuniões que estão começando mais cedo pra poderem ir pra casa mais cedo, isso foi uma mudança de comportamento que a gente acha que aconteceu. (Mulher, médica, aproximadamente 60 anos, moradora há 51 anos de Copacabana).

Hoje em dia sair de casa a noite corre o risco de ser jogada dentro de um carro ou ser assaltada, mas os jovens não vêem este lado eles se acostumam com a rua violenta e passa a ser normal sair e chegar tarde. (Mulher, do lar, 47 anos, moradora há 47anos de Bangu)

Assim, tanto nos dados quantitativos como os qualitativos verificou-se a presença do sentimento de insegurança por parte dos moradores com relação à noite. Evitar saídas noturnas ou o retorno ao lar em horas avançadas se constituiu como uma mudança do comportamento rotineiro, demonstrando a procura de hábitos e práticas que podem ajudar a minimizar a insegurança.

A insegurança com a noite demonstra ser uma variável significativa quando o assunto é insegurança, pois o medo da noite se constitui como uma construção social que localiza a noite como horária do perigo iminente, em que tudo que é de ruim e perigoso vem à tona. Porém, para além da construção social, verifica-se em diversos estudos sobre homicídio que são nas madrugadas que ocorre um alto índice de homicídios.

Relacionando as condições socioeconômicas e evitar sair sozinho de casa representou mais de 50% de respostas, apontando que, quando possível, sair acompanhado por alguém traz mais segurança às pessoas entrevistadas, independente de sua situação socioeconômica.

Limitar as idas ao banco obteve um maior percentual com as pessoas pertencentes à condição socioeconômica alta, com 44,5% das respostas. Cabe destacar que as possibilidades de diminuir as idas ao banco podem se relacionar diretamente com a situação social do indivíduo, pois quem vai ao banco apenas uma vez para receber apenas sua aposentadoria ou salário não reduzirá sua ida ao banco, pois ela já é reduzida ao contrário do indivíduo pertencente à situação socioeconômica alta que poderá reduzir sua presença no banco, uma vez que este possuía o hábito de ir várias vezes ao longo do mês. Assim como, evitar sair com pertences de valor também se verificou um maior percentual com pessoas de condições socioeconômica alta chegou a 87,5%. Para as pessoas pertencentes a uma condição socioeconômica média o percentual foi de 74,3% e pessoas pertencentes a uma situação socioeconômica baixa foi de 68,3%. Em todas as condições socioeconômicas verificou-se que, evitar sair com pertences de valor atingiu mais de 60% de respostas dadas.

Com base nas narrativas das entrevistas qualitativas foi observado que, no caso da moradora de Copacabana, a narrativa dela girou em torno do Governo Brizola em que a moradora disse ter sido “o pior governo de sua vida” e que foi justamente nesta época que ela não podia andar com nenhum objeto de valor:

(...) foi no governo do Brizola e naquela época tinha uma quantidade muito grande de assaltos, assaltos pequenos, roubos... você não podia mais andar com jóias, se saísse com um cordão de ouro fatalmente viria algum pivete e arrancaria o teu cordão. Este tipo de assalto quando eu cheguei aos 11 eu parei de contar (...) O Brizola quando foi eleito governador e assumiu em 1983 ele proibiu a polícia de subir o morro e ele permitiu um aumento grande de camelôs (...). (Mulher, médica, aproximadamente 60 anos, moradora há 51 anos de Copacabana)

Em outros trechos da narrativa da moradora de Copacabana ela afirmou que mesmo passando o governo Brizola ela se habituou em não mais andar com objetos de

valor. A entrevista concedida por um morador, também de Copacabana, apresentou a seguinte narrativa:

Usar relógio e celular hoje é um problema sério! O relógio eu já desiste de usar, perdi vários, mudei de braço, passei a usar um mais vagabundo, mas nada adiantou. O celular, é a aquela coisa, passou a fazer parte da nossa vida, de maneira tal que eu não sei mais viver sem ele. Aí eu compro o mais barato sabendo que em breve eu vou “perder”, a agenda dele eu sempre transfiro para a de papel e a do computador. (Homem, advogado, 58 anos, morador há 34 anos de Copacabana).

Nas demais entrevistas realizadas nos bairros de Bangu e Méier não foram apresentadas nenhuma menção em evitar sair com objetos de valor. Assim como, a limitação do uso do transporte coletivo também não se obteve nenhuma menção dos moradores de Bangu ou Méier. No caso do Méier os entrevistados tinham veículo próprio e disseram ter limitado o uso do automóvel devido à insegurança. Em Bangu foi relatado que não havia limitação o uso do transporte coletivo, pois a necessidade de se locomover para o trabalho não permitia tal limitação. Na entrevista quantitativa as pessoas pertencentes a uma situação socioeconômica alta 46,9% afirmaram evitar o uso do transporte coletivo. As pessoas pertencentes a uma condição socioeconômica média 30,3% afirmaram evitar tal uso e das pessoas com condições socioeconômica baixa apenas 23,1% afirmaram evitar o transporte coletivo.

Nas falas dos moradores de Copacabana, de forma geral, a segurança no transporte foi apontada das seguintes formas:

(...) o metrô é o melhor meio de transporte que o Rio de Janeiro tem hoje em dia, pra mim acho que desafoga muito o trânsito e em segundo lugar é uma condução muito mais segura. (...) Eu acho, que vai trazer uma melhoria em todos os sentidos (refere-se à construção de uma estação próxima a sua casa). (...) Eu acho que o pessoal da favela não usa metrô. Não usa porque já que é uma condução mais segura, não é exatamente o que eles querem, eles querem a facilidade de poder pular por uma porta aberta, então o metrô é inviável você fazer este tipo de coisa. Acho que vai acabar sendo a condução pro trabalhador, o trabalhador que mora em Copacabana que trabalha

no centro e que volta. (Mulher, médica, aproximadamente 60 anos, moradora há 51 anos de Copacabana)

(...) Por causa deste assalto que eu sofri hoje meu carro é blindado, aí é aquele negócio, você não pode trocar de carro, o meu já está com o motor rodado umas duas vezes, mas como a blindagem é muito cara você tem que continuar com ele. (Homem, advogado, 58 anos, morador há 34 anos de Copacabana).

Verifica-se que quando as narrativas giram em torno do meio de transporte, da locomoção, são os moradores de Copacabana que apresentaram alternativas para melhor se locomover com segurança ou apontaram um transporte que consideraram como o mais seguro. Assim, observa-se que a mudança da rotina quando relacionado a locomoção pode se relacionar diretamente a situação socioeconômica do indivíduo.

Relacionando desejo de possuir arma de fogo e condições socioeconômicas os resultados apresentados foram que, das pessoas pertencentes a uma situação socioeconômica alta 16,8% apresentaram, como resposta, o desejo de possuir arma de fogo. Das pessoas pertencentes à situação socioeconômica média 12,8% responderam que desejavam possuir arma de fogo para a sua auto-proteção e das pessoas pertencentes a uma situação socioeconômica baixa apenas 7,5% manifestaram algum desejo em possuir tal objeto. O que aponta novamente a hipótese de não existir uma relação direta entre pobreza e violência e ou criminalidade.

Nas entrevistas qualitativas não se verificou nenhuma narrativa em torno do desejo de possuir arma de fogo para a auto-proteção. No entanto, práticas violentas das polícias foram algumas vezes legitimadas pelos moradores de Bangu e Copacabana como a melhor maneira de conter a violência nas favelas, por exemplo:

A favela aqui virou o SPA dos traficantes, a polícia subiu e fez a limpeza, como eu já falei a questão dos direitos humanos é muito frágil, porque se não fosse a polícia ter subido nós estaríamos como? Em guerra até hoje. (Mulher, professora, 51 anos, moradora há 48 anos de Bangu).

Para esta moradora, a prática da polícia que não respeitam os Direitos Humanos é observada como eficiente, uma vez, que ela não vislumbra outra alternativa em conter os conflitos provenientes do tráfico de drogas. Afirmando que a “paz” volta a ser

estabelecida quando alguns moradores envolvidos no tráfico de drogas são mortos pela polícia.

Outras questões que se manifestaram na busca pela auto-proteção foram às contratações de seguranças particulares, não será chamada aqui de “segurança privada”, pois o que foi apresentado não foi à contratação de empresas para a vigilância de rua, mas sim, a contratação de pessoas “comuns” para vigiar o local de moradia. Alguns moradores atribuíram a essa “segurança adicional” a tranquilidade na rua em que mora, por exemplo:

(...) já deve ter agora uns 8 pra 10 anos que, de alguma forma, a gente acaba pagando por isso. Eles (condôminos) instituíram estes seguranças de rua e aí cada prédio paga um valor (...) Provavelmente são seguranças que moram no morro e garantem um x a mais por mês. A verdade seja dita, o nosso trecho de rua paga segurança e o nosso trecho de rua não tem pivete, não tem mendigo, nem tem morador de rua. E a gente pode parar o carro na rua, e andar neste trecho aqui de rua de noite que a gente não corre o risco de ser assaltado, nem nada disso. E eles sabem quem são os moradores que pagam segurança e os que se recusam a pagar (...) (Mulher, médica, aproximadamente 60 anos, moradora há 51 anos de Copacabana).

(...) pagamos por apartamento. Eles tomam conta de três ruas e mais a minha (...) Temos também câmera filmando toda a calçada, meu porteiro fez um curso para aprender como proceder de forma a garantir nossa segurança, não sei como surgiu este curso só sei que nós pagamos para eles fazerem. (Homem, advogado, 58 anos, morador há 34 anos de Copacabana)

Nas histórias narradas por estes dois moradores de Copacabana estiveram presente questões que colocaram em cheque o sentimento de segurança que eles afirmam sentirem com seus seguranças particulares, como por exemplo:

(...) minha vizinha era contra, de pagar a segurança, e teve uma vez que a gente saiu do prédio ela foi assaltada, e eu não fui, né. E aí ela falou assim: mas pô cara, você não fez nada? Aí o segurança falou: Mas minha senhora você me dá dinheiro? Não me dá! E ela falou: mas que absurdo! E o segurança retrucou: A sua vizinha não seria assaltada nunca porque ela foi uma das primeiras a pagar pela

segurança. (Mulher, médica, aproximadamente 60 anos, há 51 anos moradora de Copacabana)

Um morador do prédio ao lado teve a bicicleta roubada, ele reclamou com o vigia, disse a hora e o local, aí o rapaz trouxe uma bicicleta para ele, mas não era a dele. Aí, ele exigiu que a bicicleta fosse levada para a delegacia, aí o vigia falou para ele levar que ele (o vigia) não poderia explicar como conseguiu recuperar aquela bicicleta. (Homem, advogado, 58 anos, morador há 34 anos de Copacabana)

Entretanto, mesmo sem saber ao certo quem são estes seguranças, ou ainda, mesmo sabendo que usam de práticas escusas para resolverem certos problemas ligados a roubo e furto, quando perguntado a segurança particular traz mais segurança para a rua, eles afirmaram que:

O síndico na época achou que se nem todos queriam pagar era melhor entregar uma lista dizendo x, y e z, (pagam segurança) aí depois do que aconteceu com a minha vizinha, falaram: você pode colocar como uma das despesas do condomínio, já paga de todos de uma vez - porque evita problema. Aqui na minha rua, graças a Deus, eu não tenho medo nenhum de sair, por conta dessa segurança adicional. (Mulher, médica, aproximadamente 60 anos, moradora há 51 anos de Copacabana)

(...) só de saber que vamos ter a quem cobrar caso aconteça algo já é uma garantia. E eles devem conhecer as pessoas envolvidas em assaltos, aqui próximo. (Homem, advogado, 58 anos, morador há 34 anos de Copacabana)

Para a auto-proteção, foi apresentado na narrativa da moradora do Méier que para trazer mais segurança para a rua em que mora a solução encontrada foi fechar a rua com grades, nas duas saídas, desta.

E agora, com essa violência toda que está acontecendo, assalto e tudo, aí a gente pediu pra fechar a rua, conseguimos fechar com uma autorização da prefeitura, aí a gente fechou a rua, tem um ano e pouco que a gente tem mais segurança, né? Não vai evitar 100%, mas

alguma coisa já evita, a pessoa vai pensar duas vezes antes de entrar numa rua fechada, sem saída. (Mulher, bancária, 47 anos, moradora há 47 anos do Méier)

Desta forma, observa-se que, quando se fala de auto-proteção, uma necessidade provenientes de vários fatores incluindo o sentimento de insegurança, as pessoas pertencentes a uma condição socioeconômica alta e média são as que mais procuram ou realizam meios de se assegurarem de forma mais efetiva. Apontando que, a mudança de hábito proporcionada pelo sentimento de insegurança quando relacionado a segurança particular se diferencia de acordo com a situação socioeconômica.

Muito provavelmente devido ao fato de que, quem tem mais recursos disponíveis tem mais chances de alterar a rotina de vida. Em outras palavras, o sentimento de insegurança é um fato existente independente da clivagem social que a pessoa pertence, porém, a mudança da rotina de vida se estabelece em uma relação de causalidade entre aqueles que possuem mais recursos, do que aqueles que possuem menos.

Nos discursos dos moradores, o que se observa é uma construção de indivíduos tementes à violência, vulneráveis ao acaso do crime e sua existência se reduz à manutenção de sua auto-proteção.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O presente estudo evidenciou que o sentimento de insegurança existente na cidade do Rio de Janeiro acarreta diversas mudanças na rotina de vida dos seus cidadãos. Mudanças ocasionadas por uma construção social de um sentimento de vulnerabilidade frente ao crime.

Entretanto, observou-se ainda, que o sentimento de vulnerabilidade frente ao crime não depende especificamente das condições reais da criminalidade urbana. Constitui-se também um processo de leitura do mundo, em que os indivíduos vivenciam um distanciamento em relação ao outro, uma cooperatividade superficial em que os laços de amizade e confiança são constantemente afrouxados. Relatos como *no meu tempo não era assim* ou *antigamente a vizinhança era unida, as crianças brincavam na rua...* Evidencia o processo de mudança que não apenas a cidade do Rio de Janeiro como todo o Brasil sofreu nas últimas décadas. Demonstrando que os processos

macroeconômicos têm conseqüências diretas sobre as microrrelações do cotidiano de vida dos indivíduos.

A mudança na rotina de vida de alguns bairros cariocas foi observada pelas marcantes narrativas que discorreram sobre as necessidades de deixar de realizar atividades de que antes desfrutavam, ou ainda, a necessidade de investirem tempo e dinheiro na própria proteção. Verificou-se que esta mudança na rotina existe em todas as situações socioeconômicas, porém, se diferencia de uma situação socioeconômica para a outra. As pessoas pertencentes a uma situação socioeconômica alta têm mais chances de mudar suas rotinas, podendo contratar seguranças particulares, blindar seus automóveis, cercar suas ruas e investir em aparatos tecnológicos.

As pessoas pertencentes a uma situação socioeconômica baixa embora também mudem sua rotina, estas mudanças são diferenciadas em relação às outras situações socioeconômicas. O exemplo de evitar transportes coletivos ou limitar idas ao banco, apontou que a parcela da população com situação socioeconômica baixa foi a que menos recorreu a tais práticas, obtendo, desta forma, o menor percentual de mudança.

Para todas as condições socioeconômicas, em comum mudança do comportamento rotineiro, se verificou a diminuição das saídas noturnas, evitar locais que antes faziam compras, evitar sair sozinho ou ainda restringir a circulação dos filhos. Nas entrevistas qualitativas, independentemente da situação socioeconômica dos entrevistados, verificou-se que o sentimento de insegurança reforça uma das formas de violência urbana que é a criminalização da pobreza. No imaginário popular o sentimento de insegurança também é despertado ao localizar determinadas pessoas como possíveis infratores. Contribuindo, assim, para a multiplicação de regras de exclusão, distanciando e criminalizando os mendigos, as crianças e adolescentes em situação de rua, os favelados, os negros e pardos da sociedade.

Enquanto não é atribuída importância real nas questões de ordem estrutural de nossa sociedade a vida moderna acaba tendo que se adaptar à atual realidade social. Sentir-se inseguro, temer perder seu bem ou sua vida, subjugar os pobres condenando a pobreza alheia, ou ainda, não conseguir vislumbrar alternativas a segurança pública, passa a ser o normal de uma cidade que não almeja por mudanças reais e políticas públicas eficazes.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Sérgio. *O Gerenciamento Público da violência Urbana*. In: São Paulo sem medo: um diagnóstico da violência urbana. Rio de Janeiro. Garamond, 1998.

BAYLEY, David H. *Nova Polícia: inovações nas Polícias de seis Cidades Norte Americanas*. São Paulo. EDUSP, 2001.

BECKER, Howard S. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo. Editora Hucitec, 1993.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de Muros: Crime, segregação e cidadania em São Paul*. São Paulo, Edusp, 2000.

CASTEL, Robert. *A insegurança social; o que é ser protegido?* Rio de Janeiro. Editora Vozes, 2005.

DOUGLAS, Mery. *Pureza e Perigo*. São Paulo. Perspectiva, 1976.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador. Formação do Estado e Civilização*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1993.

FERREIRA, Eduardo Viegas. *Crime e Insegurança*. São Paulo. Oeiras: Celta editora, 1998.

GIDDENS, Antony. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo. UNESP, 1998.

HAIR JR. J. F.; ANDERSON, R. E.; TATHAM, R. L.; BLACK, W. G. *Multivariate Data Analysis*. 5ª edição. New Jersey: Prentice Hall, 1998.

MIRANDA, Ana Paula de; Nascimento, Nivio Caixeta; Mello, Kátia Sento Sé. *Segurança Pública, Segurança Social e Segurança Humana*. Rio de Janeiro. Coleção Instituto de Segurança Pública, 2007.

MIRANDA, Ana Paula Mendes de; MELLO, Kátia Sento Sé & DIRK, Renato. *Dossiê Criança e Adolescente*. Arquivo disponível em www.isp.rj.gov.br, Rio de Janeiro: ISP, 2007.

MISSE, Michel. *Crime e violência no Brasil Contemporâneo*. Estudos de Sociologia do Crime e da Violência Urbana, Rio de Janeiro. Editora Lumen Juris, 2006.

RODRIGUES, Corinne Davis. XI Congresso Brasileiro de Sociologia. Grupo de Trabalho “Violência e Sociedade”. UNICAMP, SP. Setembro de 2003.

ROCHÉ, Sebastian. *Lê Sentimento d´ Insécurité*. Paris Presses Universitaires de France, 1994.

THIOLLENT, Michael J. M. *Crítica Metodológica Investigação Social e Enquete operária*. São Paulo. Editora Polis, 1985.